

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS - CSHNB
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - PORTUGUÊS

MARIA LUCIELMA DA SILVA SANTOS

**A INFLUÊNCIA DA ORALIDADE NA ESCRITA DOS ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL II, EM SÃO JOÃO DA CANABRAVA-PI**

PICOS – PI

2016

MARIA LUCIELMA DA SILVA SANTOS

**A INFLUÊNCIA DA ORALIDADE NA ESCRITA DOS ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL II, EM SÃO JOÃO DA CANABRAVA-PI**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras - Português, da Universidade Federal do Piauí - CSHNB, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros.

PICOS-PI

2016

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S237i Santos, Maria Lucielma da Silva.

A influência da oralidade na escrita dos alunos do ensino fundamental II, em São João da Canabrava-PI / Maria Lucielma da Silva Santos.– 2016.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (43 f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Letras-Português) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2016.

Orientador(A): Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros.

1. Oralidade-Escrita. 2.Língua Portuguesa-Escrita. 3.Influência Oral. I. Título.

CDD 419

MARIA LUCIELMA DA SILVA SANTOS

**A INFLUÊNCIA DA ORALIDADE NA ESCRITA DOS ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL II, EM SÃO JOÃO DA CANABRAVA-PI**

Aprovada em: 03 / agosto / 2016

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura Plena em Letras - Português, da
Universidade Federal do Piauí - CSHNB,
como requisito parcial para a obtenção do grau
de licenciado em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Luiz Egito Barros

Presidente: Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros
Universidade Federal do Piauí – UFPI

Luciana Maria de Aquino

Avaliador 1: Prof.^a Ma. Luciana Maria de Aquino
Universidade Federal do Piauí – UFPI

Líliã Brito da Silva

Avaliador 2: Prof.^a Ma. Líliã Brito da Silva
Universidade Federal do Piauí – UFPI

PICOS – PI

2016

AOS MEUS PAIS,

Adão Luís e Ana Isabel, pelo Amor mais puro e verdadeiro, por serem minha fonte de inspiração e meu melhor exemplo. Essa vitória é de vocês!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por permitir a realização desse sonho, por me guiar e me sustentar nos momentos mais difíceis renovando minha força e fé ao longo dessa jornada.

Agradeço aos meus pais, Ana e Adão, pelo exemplo, confiança e apoio, por sempre estarem do meu lado, não permitindo que desistisse dos meus sonhos. A vocês, o meu amor e admiração. Amo-os infinitamente.

Sou imensamente grata aos meus irmãos, Antônio e Luciana, pelo apoio, amizade, confiança e incentivo.

Não poderia deixar de agradecer ao meu orientador, Luiz Egito de Sousa Barros, pela paciência, conselhos e dedicação. Obrigado por todos os ensinamentos, sem dúvidas, você foi uma das pessoas mais marcantes em toda a minha formação. Minha sincera gratidão por todo aprendizado.

Aos demais professores do Curso de Letras, em especial a professora Fernanda Martins, pelos ensinamentos repassados, pela disponibilidade e pelos bons momentos vivenciados.

Aos meus colegas discentes, em especial a Amanda, Francisca e Valdisnéia, pela amizade e companheirismo durante esses quatro anos. Agradeço também pela compreensão e disponibilidade em me ajudarem nos momentos em que precisei. Obrigada pela amizade.

Enfim, agradeço a todos, que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização desse sonho.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo observar a influência que a oralidade exerce sobre a escrita, procurando verificar quais recursos gramaticais característicos da fala estão presentes na escrita dos alunos do ensino fundamental II, na cidade de São João da Canabrava – PI. Além disso, procuramos observar como a escola trabalha a oralidade em sala de aula e de que forma isso pode influenciar na ocorrência de marcas orais na escrita. Assim, o trabalho torna-se relevante na medida em que disponibiliza aos docentes de Língua Portuguesa discussões acerca da influência oral sobre a escrita e de como tem sido trabalhada a oralidade em sala de aula, servindo de sugestão para uma nova postura pedagógica diante de tais ocorrências. Para o desenvolvimento deste trabalho, realizamos uma pesquisa de campo, na escola João José Batista, localizada na cidade de São João da Canabrava - PI, com o intuito de identificar como a oralidade é concebida pelos alunos e pelo professor, e se existe um trabalho direcionado para essa modalidade da língua, assim como se tem com a escrita, além de procurar identificar as marcas características da fala na escrita dos alunos. Valemo-nos, para tanto de dois questionários, sendo um direcionado para professora e outro para os alunos, além da análise de produções textuais elaboradas pelos alunos como instrumentos para a coleta dos dados. Além da pesquisa de campo, realizamos uma pesquisa bibliográfica, tomando por base os seguintes teóricos: Antunes (2003; 2009), Bentes (2001); Costa; Pinto; Souza; Reis; Bizerra (2011), Fávero, Andrade e Aquino (2009), Koch (1992), Osias (2010), Preti (2003), Marcuschi (2007), Marcuschi; Dionisio (2007), Marcuschi; Cavalcante (2007), Marcuschi (2010), Silva (2009), Soares (2004; 2012), Travaglia (2001; 2009). Os resultados obtidos comprovam a nossa hipótese com relação ao descaso no que diz respeito à oralidade em sala de aula. A partir da análise dos dados percebe-se que a escola prioriza a modalidade escrita em detrimento da oral. Os alunos demonstram desconhecimento acerca do funcionamento da modalidade oral da língua e utilizam muitos recursos gramaticais da fala na escrita.

Palavras-chave: Oralidade. Escrita. Influência Oral.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 LINGUAGEM VERBAL: oralidade e escrita	12
1.1 Fala e escrita	13
1.2 Gêneros.....	19
1.3 Oralidade e letramento	21
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	26
3 O TRABALHO COM A ORALIDADE EM SALA DE AULA	28
3.1 Descaso da escola com a oralidade e suas implicações na escrita.....	28
3.2 Marcas da Oralidade na escrita dos alunos.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
APÊNDICES	41
APÊNDICE A - Questionário/alunos	42
APÊNDICE B - Questionário/professora	43
ANEXOS	44
ANEXO A- Questionário/alunos.....	45
ANEXO B- Questionário/professora.....	62
ANEXO C- Produções textuais/alunos	63

INTRODUÇÃO

A influência que a oralidade exerce sobre a escrita é a temática central desta monografia, que tem como objetivo geral abordar a influência da linguagem oral na escrita dos alunos do 6º ano do ensino fundamental II na escola João José Batista, localizada na cidade de São João da Canabrava-PI. Procuramos identificar e classificar os recursos gramaticais da fala presentes na escrita dos mesmos, visto que neste ano os alunos ainda não adquiriram plenamente todos os recursos da escrita, o que os leva a transpor na produção textual alguns recursos gramaticais que são próprios da fala.

Com o intuito de analisar mais detalhadamente estes processos, elegemos os seguintes objetivos específicos: a) Discorrer sobre a relação entre a fala e a escrita e as implicações dessa relação na escrita dos alunos; b) Identificar quais recursos gramaticais da fala estão presentes na escrita dos referidos alunos; c) Discorrer sobre a atuação da escola no que se refere ao ensino da linguagem oral versus escrita e como isso tem influenciado no processo de escrita (textos) dos alunos.

Para construir o embasamento teórico que dá sustentação à análise dos textos dos alunos, recorreremos a Antunes (2003; 2009), Bentes (2001); Costa; Pinto; Souza; Reis; Bizerra (2011), Fávero, Andrade e Aquino (2009), Koch (1992), Osias (2010), Preti (2003), Marcuschi (2007), Marcuschi; Dionisio (2007), Marcuschi; Cavalcante (2007), Marcuschi (2010), Silva (2009), Soares (2004; 2012), Travaglia (2001; 2009).

Ao analisar textos escritos de alunos, principalmente das séries iniciais, percebe-se que eles optam com frequência por elementos típicos da fala, fazendo com que marcas da oralidade estejam presentes na escrita. Durante o estágio, realizado no 7º ano na Unidade Escolar Padre Marcos de Carvalho, pude presenciar essa realidade de perto, a maioria dos alunos quando vão escrever recorrem a elementos da fala, levando-os para seus textos escritos.

Durante minha participação no PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), por várias vezes também presenciei marcas da oralidade nos textos dos alunos. Fato curioso para mim, visto que, eram alunos do ensino médio e não esperava encontrar nessa fase essas ocorrências, já que se presume que alunos desse grau escolar apresentem um nível de escrita mais desenvolvido e saibam fazer o uso das duas modalidades da língua, fala e escrita.

As principais ocorrências dos textos produzidos pelos alunos que pude presenciar foram: a substituição do verbo haver pelo verbo ter; o uso de pronome pessoal reto como complemento; além do uso de marcadores conversacionais como: aí, então, certo, viu, sabe?, né?, daí, entre outros. Como se observa estes são recursos gramaticais próprios da fala que utilizamos diariamente, mas que na escrita devem ser evitados, visto que esta requer mais formalidade.

Mediante essa observação, surgiu meu interesse em pesquisar sobre o assunto, para isso selecionou-se como alvo da pesquisa os alunos do 6º ano do ensino fundamental II da escola João José Batista, localizada na cidade São João da Canabrava-PI. A escolha por essa escola não foi aleatória, quis fazer a pesquisa nela por ter sido onde estudei todo o ensino fundamental.

Nossa opção pelo 6º ano se deu por considerarmos que nesta série é mais comum a ocorrência de marcas da oralidade na escrita, já que os alunos ainda não adquiriram plenamente todos os recursos da escrita. A presente pesquisa visou responder a seguinte pergunta: Quais os principais recursos gramaticais da fala presentes na escrita dos alunos do 6º ano do ensino fundamental II da cidade São João da Canabrava-PI?

Uma de nossas hipóteses é a de que nessa fase, o aluno possui um bom domínio da fala, mas não da escrita. Isso o leva a crer que pode transpor para a escrita quaisquer recursos gramaticais e lexicais da fala, já que o seu primeiro contato com a língua se deu na modalidade oral.

Outra hipótese provável é o fato de a escola não entender que a fala, mesmo autônoma, apresenta reflexos na escrita, não sabendo lidar com o fato de a primeira interferir na segunda. Dessa forma, a escola, não procura organizar atividades que trabalhem ao mesmo tempo as duas modalidades, comprometendo a capacidade dos alunos de produzirem textos claros, concisos, coerentes e coesos.

Além disso, o ensino volta-se para a modalidade escrita da língua, principalmente em seu aspecto gramatical, não procurando desenvolver atividades que trabalhem ao mesmo tempo as duas modalidades, contribuindo assim para a ocorrência de marcas da oralidade na escrita, já que, se os alunos não têm consciência de que existem duas variantes que diferem gramaticalmente, transpõem para escrita recursos gramaticais que são próprios da fala.

Sendo este trabalho filiado a outras pesquisas de temática semelhante, espera-se que o mesmo contribua como fonte de referência para que as escolas possam rever melhor a forma como trabalham as duas modalidades, língua oral e escrita, em sala de aula, sem que se faça

uma distinção ou supervalorização de uma em detrimento da outra. Enquanto graduanda do curso de Letras e futura professora, conhecer essa associação existente entre a oralidade e escrita é de suma relevância e contribuirá para o conhecimento na área e posteriormente utilização enquanto docente. E ainda servirá como fonte de pesquisa para estudantes e profissionais da educação que atuam na área.

Para melhor atender à necessidade de expor com clareza a nossa temática, este trabalho está estruturado da seguinte forma: uma introdução, e mais três capítulos. O primeiro deles, intitulado **LINGUAGEM VERBAL: oralidade e escrita**, traz uma abordagem sobre a Fala e a Escrita, Gêneros e Oralidade e Letramento.

No primeiro capítulo, discutimos a dicotomia fala versus escrita, a conceituação dos gêneros, descrevendo a sua importância no nosso dia a dia e como a escola trabalha com eles, principalmente no que se refere aos gêneros orais. Abordamos também a oralidade, a escrita e a leitura como práticas sociais e sugerimos meios de se trabalhar em sala de aula às atividades voltadas para o letramento e oralidade e ainda tratamos sobre como estas atividades estão ligadas, de modo que uma pode contribuir para o desenvolvimento da outra.

No segundo capítulo abordamos a metodologia, onde explicamos o tipo de estudo, comentamos sobre o universo da pesquisa e explicamos o instrumento de coleta de dados; No terceiro capítulo, trazemos a apresentação e a análise dos dados obtidos por meio da pesquisa de campo; e, por fim, nas considerações finais, comentamos sobre as nossas impressões frente aos resultados encontrados.

1 LINGUAGEM VERBAL: oralidade e escrita

Para que possamos interagir e nos relacionarmos com o meio social, dispomos da linguagem. Através desta nos comunicamos e somos entendidos pelos demais, ou seja, podemos interagir socialmente. A utilização da linguagem não acontece somente no momento em que falamos com alguém, pois muito antes de usarmos a fala como meio de comunicação já dispomos de outros mecanismos. É o caso, por exemplo, das crianças, que muito antes de falarem já estão habituadas a se comunicarem com simples gestos, através da expressão facial, do choro, dentre outros meios.

Conforme Antunes (2009, p.56), “Com a linguagem as pessoas atuam, intervêm na sociedade, e, em contrapartida, as atuações que elas empreendem na sociedade repercutem em sua linguagem”. Dito de outra maneira, pode-se afirmar que a linguagem nos serve como referência, e a adequamos de acordo com nossas atuações na sociedade, sendo assim, fatores como: o meio em que vivemos, a posição social que ocupamos, dentre outros aspectos, são relevantes ao se avaliar nossa linguagem.

Dispomos da linguagem diariamente, seja em sua forma não verbal (gestos, expressões faciais e corporais, tom de voz), seja em sua forma verbal (fala e escrita), certamente essa última ocorre com uma maior frequência entre os seus usuários. No que diz respeito à linguagem verbal, esta é a forma de comunicação mais presente no nosso dia a dia. É possível estabelecermos uma série de distinções entre as duas modalidades da linguagem verbal – fala e escrita – no entanto, vale frisar que ambas não competem entre si e cada uma tem sua importância na sociedade e atende a propósitos comunicativos distintos. Segundo Marcuschi (2007, p.15),

Não há razão alguma para continuar defendendo uma divisão dicotômica entre fala e escrita nem se justifica o privilégio da escrita sobre a oralidade. Ambas têm um papel importante a cumprir e não competem. Cada uma tem sua arena preferencial, nem sempre fácil de distinguir, pois são atividades discursivas complementares. Em suma, oralidade e escrita não estão em competição. Cada uma tem sua história e seu papel na sociedade.

Além de as duas formas de linguagem atenderem a propósitos comunicativos ou discursivos diferentes, apresentam diferenças também no que se refere à sua estrutura em todos os níveis linguísticos, do fonético-fonológico, passando pelo lexical e morfossintático, até o textual discursivo.

Convém ressaltar, porém, que estas diferenças são bastante acentuadas em seus extremos de grau de formalidade/informalidade, mas nos registros intermediários elas se tornam mínimas. De modo que a escrita informal apresenta muitas características da fala e a fala formal apresenta muitas características da escrita. Provavelmente, o ponto em que as duas formas de linguagem mais se distinguem é no tocante à sua aquisição, como veremos a seguir.

1.1 Fala e escrita

No que diz respeito ao uso da fala, essa atividade é vista como algo mais espontâneo do que a escrita, pois, ao contrário desta, ela é adquirida de forma natural e se caracteriza por ser uma das primeiras habilidades que aprendemos fora do ensino formal. Ao falarmos revelamos muitas das nossas características sociais, culturais, ideológicas, dentre outras. Assim, é possível afirmar uma série de coisas sobre uma pessoa só de a ouvirmos falar, pois, quando se fala, muitas marcas individuais são expostas inconscientemente, já a escrita não nos dá essa liberdade, nas mesmas proporções.

A escrita ocorre culturalmente em nossa sociedade, sendo posterior à fala, tanto no que diz respeito à sua origem e desenvolvimento como no que tange à sua aquisição pelo indivíduo. Com a democratização do ensino, ela passou a ocupar uma posição de suma relevância, sendo plenamente necessária para o convívio em sociedade. Segundo Marcuschi (2007, p.60), "Fala e escrita são duas maneiras de funcionamento da língua, e não duas propriedades de sociedades diversas".

No processo de aquisição da escrita, querendo ou não, somos influenciados pela nossa fala. Isso se justifica pelo fato de o nosso primeiro contato com a linguagem se dá com a língua oral. Esse fenômeno ocorre com maior frequência principalmente em alunos das séries iniciais, que estão aprendendo a usar a língua escrita e já dispõem de algumas marcas orais recorrentes e as reproduzem na hora que vão escrever, por não saberem que deve existir uma adaptação da fala para a escrita. Segundo Marcuschi (2010, p. 17),

Sob o ponto de vista mais central da realidade humana, seria possível definir o homem como um ser que fala e não como um ser que escreve. Entretanto, isto não significa que a oralidade seja superior à escrita, nem traduz a convicção, hoje tão generalizada quanto equivocada, de que a escrita é derivada e a fala é primária. A escrita não pode ser tida como uma representação da fala.

Podemos afirmar que ambas as atividades, fala e escrita, têm sua relevância nos diversos contextos sociais, a começar pela fala, que possui a função de identificação social de cada indivíduo na sociedade. A mesma é constantemente afetada por hábitos locais, vícios de linguagem relacionados ao meio em que a pessoa está inserida e também ao modelo de linguagem que esta utiliza para se comunicar.

A escrita, diferentemente, possui um modelo a ser obedecido, impondo assim que, ao se escrever, faça-se o uso adequado da norma culta da língua. Essa imposição faz com que traços individuais sejam menos presentes no texto escrito do que no oral, ou seja, a escrita, embora apresente marcas pessoais em nível estilístico, não as apresenta em nível de gramática.

Se analisarmos o nosso dia a dia, percebemos que usamos mais a fala do que a escrita, mesmo aqueles que possuem um maior grau de letramento e mesmo se tendo a consciência de que a importância que a sociedade atribui à escrita seja maior. A oralidade é uma prática de grande importância social e histórica para toda a humanidade, principalmente para comunidades ágrafas. Por outro lado, é inegável a importância que a escrita tem para os povos e as civilizações ditas “letradas” (MARCUSCHI E DIONÍSIO, 2007).

Por esse motivo e por ser a língua escrita usada somente quando já se tem certo domínio da língua oral, ao escrevermos, acabamos sendo constantemente influenciados pela fala. É comum nos depararmos com textos, principalmente de alunos das séries iniciais, em que constantemente se evidenciam marcas características da fala dos mesmos. Um exemplo disso é o uso do verbo *ter* com sentido existencial.

Consoante a gramática normativa, ao utilizar verbos que indicam existência, a forma mais aconselhável é o verbo “*haver*”, tratando-se, assim, de um verbo impessoal. O uso do verbo “*ter*” no sentido de existir é considerado uma incorreção na língua culta, devendo ser evitado seu uso, principalmente na língua escrita, ficando assim seu uso mais restrito a língua falada.

Mediante o fato de o uso do verbo “*ter*” com sentido existencial está mais vinculado à fala, encontramos tantas evidências deste na escrita, principalmente por parte daqueles que não têm conhecimento do seu uso. Somente no ambiente escolar é que o aluno terá o conhecimento do uso do verbo “*haver*” como existencial e conseqüentemente o adaptará a sua escrita e fala.

O uso de pronomes pessoais retos como complemento também é constante na escrita, é frequente, por exemplo, frases como “saudade de tu” em vez de “saudade de ti”. Por estarem

habituaados a utilizarem na oralidade construções como a descrita, onde utilizam os pronomes retos também como complemento, os alunos acabam fazendo o mesmo ao escreverem.

Outro exemplo de marcas características da fala que levamos para a escrita são os marcadores conversacionais. Segundo Fávero; Andrade; Aquino (2009, p. 44), “A expressão marcador conversacional serve para designar não só elementos verbais, mas também prosódicos e não linguísticos que desempenham uma função interacional qualquer na fala”.

Pode se entender assim por marcadores conversacionais as palavras e expressões, que estamos habituados a ouvir na linguagem informal como, por exemplo, os marcadores: claro, certo, viu, sabe?, né?, daí, aí, então etc. Como se observa, essas expressões são usadas frequentemente no discurso oral.

Esses marcadores ajudam a construir e organizar os textos orais e não há nenhum equívoco no uso destes nessa modalidade da língua, no entanto vale ressaltar que em algumas situações discursivas mais formais é aconselhável evitar esses marcadores, já que nessas situações exige-se certo grau de formalidade por parte do usuário.

Vale ressaltar ainda que, assim como no discurso oral, recorremos a tais marcadores para melhor organização e construção do nosso discurso, na escrita dispomos dos conectores interfrásticos que auxiliam na construção do texto. Os mesmos se classificam em dois tipos básicos: os de tipo lógico e os encadeadores de tipo discursivo.

Os primeiros têm como finalidade apontar o tipo de relação lógica que o locutor determina entre o conteúdo de duas proposições e têm como principais relações as seguintes: relação de condicionalidade, de causalidade, de mediação, de disjunção, de conformidade, de temporalidade, de complementação e de delimitação ou restrição, (KOCH, 1992).

Enquanto os segundos ficam responsáveis pela estruturação dos enunciados em textos e podem ser de duas espécies, os operadores argumentativos e os de sequencialização, sendo os primeiros divididos em: operadores de conjunção, de disjunção argumentativa, de contrajunção, de justificativa ou explicação, de conclusão e de comparação; enquanto os segundos são divididos em: sequencialidade temporal e textual. (KOCH, 1992).

Na escrita, os marcadores conversacionais devem ser evitados, já que não contribuem para o desenvolvimento do texto. Além disso, a escrita requer um maior planejamento e elaboração, não se permitindo o uso dessas construções.

Muitas pessoas por descuido ou mesmo por falta de conhecimento, como no caso das crianças nas séries iniciais, ao escreverem, fazem o uso dessas marcas orais na escrita. No entanto, se levarmos em conta que a fala é o único sistema adquirido pela criança até então,

essa influência pode ser vista como natural e o uso desses marcadores não deve ser considerado erro. Entretanto, não deve ser desprezado pelos professores, que devem mostrar que ambas as modalidades (fala e escrita) requerem, em situações específicas, diferentes graus de formalismo. Segundo Travaglia (2001, p. 53),

A língua escrita e a oral apresentam cada uma um conjunto próprio de variedades de grau de formalismo. As variedades de grau de formalismo da língua escrita apresentam uma tendência para maior regularidade e geralmente maior formalidade que as da língua falada, todavia importa lembrar que em cada caso existe uma mesma relação entre os níveis de grau de formalismo propostos para língua falada e para a escrita. É necessário lembrar sempre que não é válida a distinção que frequentemente encontramos enunciada por professores de que a língua falada seria informal e a escrita formal. Isso não é verdadeiro. Podemos ter textos altamente formais na língua falada e textos totalmente informais na língua escrita.

Como exposto anteriormente, percebe-se a distinção que os professores ainda fazem quando caracterizam as modalidades da língua (fala e escrita), atribuindo à fala um caráter informal e à escrita um caráter formal, sem levar em consideração que em ambas as modalidades, dependendo da situação de uso, há lugar tanto para o formal quanto para o informal.

Além desses aspectos, descritos acima, serem desconsiderados no ambiente escolar, costuma-se fazer uma distinção entre a língua falada e a língua escrita, priorizando esta em detrimento daquela. Essa distinção pode ser considerada como um dos possíveis motivos de haver a interferência da fala na escrita. Segundo Marcuschi e Cavalcante (2007, p. 127),

A fala é uma atividade muito mais central do que a escrita no dia-a-dia da maioria das pessoas. Contudo, ainda hoje, as instituições escolares dão à fala atenção quase inversa à sua centralidade, quando comparada à escrita. Uma das principais razões do descaso com a língua falada continua sendo a crença generalizada de que a escola é o lugar do aprendizado da escrita, e não da fala. Seguindo-se esse raciocínio, a fala não precisaria ser aprendida, uma vez que já a usamos desde o berço; mas a escrita, esta sim, precisa ser aprendida na escola. Discordando dessa assertiva, entendemos que a escrita não se aprende apenas na escola, e a fala não envolve apenas o aprendizado espontâneo no dia-a-dia.

No ambiente escolar muitas vezes se ignora o fato de que, quando os alunos chegam à escola, já possuem um amplo domínio do uso da linguagem no seu meio social e conhecem

plenamente a gramática do seu dialeto. É errôneo, portanto, considerar erradas essas variantes linguísticas que os alunos trazem para a escola, visto que os mesmos conseguem se comunicar e são entendidos pelos demais.

Segundo Marcuschi e Dionísio (2007, p.16), “Não resta dúvida de que a escola deve ocupar-se particularmente com o ensino da escrita, não havendo nada de errado nisso, mas é bom frisar que o domínio da língua e seu conhecimento primeiro é de natureza oral”.

Conforme Osias (2010, p. 9),

A rigor, no ensino, o oral não é nem mesmo aceito ou compreendido como objeto de abordagem escolar. E, quando o é, costuma não passar de ponte para o aprendizado da escrita, esta muito mais respeitada que a expressão oral, por uma série de fatores, em outras palavras, mal-entendidos. O primeiro deles é o fator já mencionado: considerar a linguagem falada pobre, popular e mal estruturada, ao passo que a escrita representa a norma, o correto, o padrão, o aceito. Outro mal-entendido é o que evidencia a distância estabelecida entre o oral e a escrita, considerando o caráter mais regular da embalagem gráfica.

Cabe ressaltar que quando se menciona o fato de priorizar o ensino da língua oral no ambiente escolar não significa ensinar o aluno a falar, pois, como dito anteriormente, essa forma de expressão o mesmo já possui quando chega à escola. O que se deve ensinar é que, assim como a escrita, a fala em alguns contextos requer o uso mais formal, sendo necessário, portanto, uma elaboração prévia nessas situações.

Não existe um modelo único para a fala e a escrita, não falamos e escrevemos sempre da mesma maneira. De acordo com a situação que nos encontramos ou de acordo com os interlocutores nossa fala e escrita requerem um ajustamento. Há momentos em que não há uma preocupação quanto à formalidade e admite-se que tudo seja dito ou escrito, entretanto, há momentos em que nossa fala e escrita precisam ser cuidadosamente elaboradas.

Sendo assim, não há motivos para continuar defendendo a ideia de que a fala é considerada lugar de descaso, da espontaneidade, da falta de elaboração, assim também como não se deve considerar a escrita sempre como formal, regular e uniforme, pois ambas admitem variação, podem estar mais ou menos planejadas, assim como dependendo do contexto, podem ser mais ou menos formais.

Ainda se constata, como afirma Antunes (2003, p. 24, 25),

Uma visão equivocada da fala, como o lugar privilegiado para a violação das regras da gramática. De acordo com essa visão, tudo o que é “erro” na língua acontece na fala e tudo é permitido, pois ela está acima das prescrições gramaticais; não se distinguem, portanto, as situações sociais mais formais de interação que vão, inevitavelmente, condicionar outros padrões de oralidade que não o coloquial.

No entanto, como dito anteriormente, a oralidade, assim como a escrita, requer em algumas situações, níveis de formalidade, exigindo-se, portanto, uma separação entre o culto e não culto, o ensinável e não ensinável. (OSIAS, 2010).

É necessário mostrar as características existentes entre a modalidade escrita e a modalidade fala, de modo que o usuário da mesma adquira o estilo escrito e não faça uma simples transposição do oral para o escrito, o que normalmente produz falhas que prejudicam a comunicação (TRAVAGLIA, 2009).

Ainda sobre este tema, segundo Marcuschi e Dionísio (2007, p. 16),

Mesmo quando tomada como um conjunto de práticas discursivas, a língua constitui-se de um sistema de regras que lhe subjaz e deve ser obedecido. Do contrário, as pessoas não se entenderiam. Se cada um pudesse fazer o que quisesse e construísse os textos a seu bel-prazer, isso não daria certo porque não propiciaria a interação entre os interlocutores. Existem, portanto, regras a serem observadas tanto na fala como na escrita, mas essas regras são bastante elásticas e não impedem a criatividade e a liberdade na ação lingüística das pessoas. A língua tem um vocabulário, uma gramática e certas normas que devem ser observadas na produção dos gêneros textuais de acordo com as normas sociais e necessidades cognitivas adequadas à situação concreta e aos interlocutores.

Consciente de que ao chegarem à escola os alunos já são falantes nativos de sua língua, não é função e nem há necessidade de o professor ensinar os mesmos a falarem. Acredita-se que o que deve ser ensinado e desenvolvido no aluno seja sua competência comunicativa, ou seja, deve desenvolver nos alunos a possibilidade de utilizar o maior número de recursos da língua de forma adequada a cada situação de interação comunicativa. (TRAVAGLIA, 2009).

Segundo Fávero, Andrade e Aquino (2009, p. 10),

Parece consenso que a língua falada deve ocupar um lugar de destaque no ensino da língua. A motivação para que essa modalidade seja trabalhada com tal relevo se dá, de uma lado, porque o aluno já sabe falar quando chega à escola e domina, em sua essência, a gramática da língua. Por outro, a fala influencia sobremaneira a escrita nos primeiros anos escolares, principalmente no que se refere à representação gráfica dos sons.

Portanto, não há razões para desconsiderar ou inferiorizar a fala em relação à escrita no ambiente escolar. Sem dúvidas, a escola deve ensinar os alunos a desenvolverem a escrita, mas não deve ignorar o que os mesmos falam, visto que ao chegar à escola, eles já sabem falar com propriedade sua língua materna.

Aos professores cabe ensinar a linguagem falada conjuntamente com a língua escrita, procurando mostrar as distinções entre elas, mas deixando claro que, apesar disso, não podem ser concebidas de forma separada, já que inevitavelmente uma influencia a outra. Sendo assim, a escola deve se propor a ensinar os diversos usos da língua (oral e escrito), e não resumir sua atividade somente ao ensino da descrição gramatical da língua.

1.2 Gêneros

Estamos, diariamente, em contato com uma variedade de gêneros textuais, o nosso dia a dia envolve a convivência com os mais variados textos, sejam eles orais ou escritos, não restringindo, portanto, somente aqueles que são ensinados no ambiente escolar. As pessoas aprendem, no convívio social, os gêneros de que necessitam no seu dia a dia. Segundo Marcuschi e Cavalcante (2007, p.131), "A própria sociedade se encarrega de nos inserir nessas práticas culturais diversas".

Os gêneros distribuem-se tanto pela oralidade como pela escrita. É nítida a relação oralidade e escrita no contexto dos gêneros textuais e é justamente essa relação que vai se encarregando de estabelecer os mais variados modelos de textos que são usados no nosso dia a dia. Como aborda Marcuschi (2007, p. 33), "[...] há alguns gêneros que só são recebidos na forma oral apesar de terem sido produzidos originalmente na forma escrita, como o caso das notícias de televisão ou rádio".

No ambiente escolar geralmente se trabalha gêneros reduzindo-os aos seus aspectos formais, fazendo com que os alunos não sejam capazes de identificar e compreender sua função e alcance nos contextos sociais em que circulam. Enquanto tivermos um ensino voltado para uma perspectiva formalista, os alunos não serão capazes de utilizar os tipos de gêneros específicos para cada situação, aprendendo apenas a reconhecê-los ou defini-los.

Além disso, a escola ainda prioriza o ensino dos gêneros escritos, deixando um pouco de lado o ensino dos gêneros orais. Essa lacuna pode estar relacionada à interpretação de superioridade da escrita em relação à fala. Há uma visão errônea de que a escola deve

priorizar o ensino da língua escrita, já que quando chega à escola a criança já fala com propriedade.

Segundo Antunes (2009, p. 72),

[...] o trabalho com gêneros orais na escola têm-se limitado a conversas, debates, discussões com os colegas ou combinações acerca da elaboração de um trabalho. Nesses limites, os alunos não chegam a tomar consciência de que podem explorar as características convencionais próprias dos gêneros orais, tão diferentes na imensa gama de suas realizações concretas. Também não chegam a desfazer a ideia meio consensual de que as convenções e normas textuais, escolha de certas palavras, as regras de gramática são coisas do mundo da escrita; não existem para a fala, que é, por isso mesmo, caótica, imprevisível e assistemática.

Mais uma vez ressaltamos a importância de se considerar a oralidade e a escrita como independentes e não como distintas. Tanto os gêneros orais como os escritos exigem convenções e normas textuais, regras gramaticais e uso formal em algumas situações. Ao desconsiderar isso, a escola mais uma vez está contribuindo para o velho preconceito impregnado de que a escrita exerce superioridade sobre a fala, e que normas gramaticais, uso formal, dentre outros aspectos, não existem para a essa última.

A escola não pode desconsiderar o fato de que, ao ingressarem no ensino formal, os alunos já dominam os gêneros orais da convivência cotidiana, entretanto esse fato não deve ser motivo para que a mesma despreze o ensino desses tipos de gêneros. Cabe à escola ensinar os gêneros escritos, sobretudo, aqueles mais formais, mas não pode ignorar os gêneros orais.

O professor de língua portuguesa deve ter o conhecimento sobre os mais variados gêneros orais, e deve repassar esse conhecimento para seus alunos, ensinando-os a produzirem esses diferentes tipos de gêneros e, mais do que isso, em que situações poderão utilizar cada um. Além disso, as atividades de oralidade não devem resumir-se a debates, entrevistas, entre outros que, na maioria das vezes, são trabalhados em sala de aula a partir de textos escritos. Essa prática faz com que os alunos não sejam capazes de identificar se os discursos elaborados devem ser considerados escritos ou orais, tratando-se de uma oralização da escrita.

Conforme Marcuschi e Dionísio (2007, p. 17),

Tome-se, por exemplo, o caso da notícia de um telejornal que só aparece na forma falada, mas é a leitura de um texto escrito. Trata-se de uma oralização da escrita, e não de língua oral. Ou então a publicação de entrevistas em revistas e jornais que originalmente foram produzidas na forma oral, mas só nos chegaram pela escrita. Trata-se de uma editoração da fala. E o mesmo ocorre com o teatro, o cinema e as novelas televisivas. Esses não são gêneros orais em sua origem, mas surgem como escritos e depois são oralizados, chegando ao público nessa forma.

Partindo-se desta exposição, pode-se chegar ao raciocínio de que a escola deve propiciar aos alunos a capacidade de perceber essas diferenças e produzir conscientemente, tanto por meio da escrita como da fala, textos que de fato, comuniquem algo, que cumpram sua função comunicativa. Segundo Travaglia (2009, p. 24),

Alguém será um bom usuário da língua quando souber usar de modo adequado os recursos da língua para construção/constituição de textos apropriados para atingir um objetivo comunicativo dentro de uma situação específica de interação comunicativa, pois o que é adequado para uso em um texto em uma situação pode não o ser em outra situação.

Portanto, não basta apenas inserir os gêneros textuais, principalmente os orais no ensino, assim como esse ensino não deve ser voltado para uma visão formalista. Deve-se, ao contrário, fazer com que os alunos sejam capazes de reconhecer a função (social e comunicativa) que cada gênero desempenha e não somente a sua forma.

1.3 Oralidade e letramento

O fato de a oralidade estar mais ligada à fala não pode ser desvinculada do letramento, que está associado aos usos da escrita. Estas atividades não podem ser vistas como opostas, ao contrário, devem ser vistas como atividades complementares nos diversos usos comunicativos.

Letramento se refere aos diversos usos da leitura e escrita, mesmo por indivíduos com baixo grau de escolaridade, ou até mesmo analfabetos, mas que conseguem, por exemplo, usar as cédulas de dinheiro; enquanto oralidade faz referência às atividades orais do nosso dia a dia (MARCUSCHI, 2007).

Dentre estas atividades orais, podemos destacar o fato de que qualquer pessoa é capaz de distinguir, por exemplo, uma piada de um recado ou de um dito popular. Mais uma vez insistimos na ideia de que a escola pode ser o ambiente em que a criança pode desenvolver esse tipo de competência. Conforme Osias (2010, p. 11),

Há pessoas profundamente letradas nas práticas da escrita, porém com um desempenho oral incipiente. Um letrado não é apenas aquele que tem domínio absoluto das práticas da escrita, mas aquele que tem um desempenho social razoável e suficiente, capaz de contar dinheiro, de identificar marcas, de saber que ônibus tomará, entre outras habilidades. Até um analfabeto pode participar ativamente de eventos de letramento. Portanto, letramento não envolve somente práticas escritas formais.

Em uma sociedade como a nossa, saber ler e escrever é fundamental, mas somente isso não basta, pois é preciso que se faça o uso desse saber, respondendo às exigências de leitura e escrita que a sociedade faz; daí se utilizar o termo letramento em detrimento do termo alfabetismo (SOARES, 2012).

A partir do momento em que a vida social e as atividades profissionais tornaram-se cada vez mais dependentes da língua escrita, revelou-se a insuficiência de apenas alfabetizar (ensinar a ler e escrever), viu-se que era preciso ir além, surgindo assim a necessidade de fazer o uso dessas práticas de leitura e escrita, ultrapassando o domínio do sistema alfabético e ortográfico, (SOARES, 2004).

A oralidade se desenvolve no uso da fala relacionando-a com suas práticas no dia a dia, dessa maneira, compreende tanto nossas conversas informais, quanto discursos mais formais que requerem um planejamento. Na escola, ensina-se ao aluno os gêneros orais formais, já que os gêneros informais o aluno já conhece, visto já fazer parte das práticas comunicativas do seu dia a dia como, por exemplo, as conversas espontâneas.

O letramento vai utilizar a prática da leitura e da escrita relacionando-as com as práticas do dia a dia, possibilitando assim que as pessoas, mesmo que sejam analfabetas, possam desenvolver suas práticas sociais. Conforme Soares (2012, p. 24),

[...] um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura a escrita têm presença forte, se se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros leem para ele, se dita cartas para que um alfabetizado as escreva (e é significativo que, em geral, dita usando vocabulário e estruturas próprios da língua escrita), se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, letrado, porque faz o uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e escrita.

Com isso, pode-se afirmar que o domínio do sistema alfabético-ortográfico da escrita não é condição suficiente, pois além do domínio do sistema é preciso que se exerçam as práticas sociais de leitura e escrita, agregando-as com as práticas de interação oral. Como prova disso, têm-se o exemplo de pessoas que, apesar de serem alfabetizadas (leem e escrevem com competência), não interagem através do uso destas competências, não são capazes, por exemplo, de interpretar um texto lido, mas o que fazem é apenas a decodificação do mesmo, não chegando à sua compreensão. Conforme Soares (2012, p. 36),

Há, assim, uma diferença entre o saber ler e escrever, ser alfabetizado, e viver na condição de ou estado de quem sabe ler e escrever, ser letrado (atribuindo a essa palavra o sentido de que tem *literate* em inglês). Ou seja: a pessoa que aprende a ler e escrever – que se torna alfabetizada – e que passa a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita – que se torna letrada – é diferente de uma pessoa que não sabe ler e escrever – é analfabeta – ou, sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e escrita – é alfabetizada, mas não é letrada, não vive no estado ou condição de quem sabe ler e escrever e pratica a leitura e a escrita.

A escola ainda se fundamenta nos conceitos de certo e errado e prioriza o ensino da escrita, considerando a fala como algo caótico, assistemático e recheado de erros. Ao invés disso, essa instituição deveria centrar-se em um ensino voltado para as práticas sociais, tanto da fala como da escrita (letramento e oralidade), o que poderia fazer com que o aluno desenvolvesse a capacidade de atender adequadamente as demandas sociais da escrita e da leitura.

Essa falha, ainda presenciada no ambiente escolar, pode estar relacionada ao fato de que, para a escola, ensinar a ler e escrever se restringe apenas ao sistema alfabético-ortográfico, não se levando em consideração a abrangência dessas práticas nos contextos sociais. Conforme Silva (2009, p. 76),

Muito mais do que a simples aquisição do sistema de leitura e escrita das sociedades que o utilizam (conhecidas como grafocêntricas), a alfabetização deve ser tratada como um processo permanente de construção de conhecimento ao longo da vida do indivíduo. E como processo, não pode ser encarada em um momento isolado da vida do aluno, mas deve ser concretizada durante toda sua trajetória, garantindo as condições essenciais para sua interferência na realidade.

Sendo assim, é primordial que a escola, ao alfabetizar, não se restrinja somente ao processo de aquisição do código escrito, é preciso, além disso, ter um ensino voltado para as práticas sociais da leitura e da escrita, fazendo isso se estará ao mesmo tempo letrando os alunos.

Mais que um ensino voltado para a prática de usos da língua, a escola deve ensinar o aluno a desenvolver habilidades de leitura e escrita dos mais variados gêneros que circulam na sociedade, fazendo com que os mesmos se conscientizem da função e importância que essas habilidades têm no contexto social. Levando em consideração esse contexto no ensino de leitura e escrita, já que elas são práticas que estão nele inseridas.

Segundo Soares (2012, p. 47),

Precisaríamos de um verbo “letrar” para nomear a ação de levar os indivíduos ao letramento... Assim, teríamos alfabetizar e letrar como duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado.

Parafrazeando Soares (2004), o conceito de alfabetização foi se modificando ao longo dos anos. Durante algum tempo, era considerado alfabetizado aquele que soubesse ler e escrever, aquele que fosse capaz de escrever seu próprio nome era dito alfabetizado. Tempos depois era considerado alfabetizado aquele capaz de ler e escrever um bilhete simples, ou seja, capaz de não só saber ler e escrever, mas de já exercer uma prática de leitura e escrita. O que se evidencia uma progressiva mudança do conceito de alfabetização em direção ao de letramento: saber ler e escrever em direção ao ser capaz de fazer o uso da leitura e escrita.

Sendo assim, é necessário reconhecer os conceitos de alfabetização e letramento, sendo este entendido como o uso da leitura e escrita nas práticas sociais, enquanto alfabetização é tida como a aquisição do sistema de escrita. No entanto, embora distintos, são ao mesmo tempo interdependentes. Conforme Soares (2004, p.97),

A alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita.

Ultimamente, em nossa prática, discutir a alfabetização requer uma análise sobre a questão do letramento, é o que constata Silva (2009, p. 12),

Alguns autores têm trabalhado o assunto, por meio da oposição entre aqueles que sabem ler e escrever, mas que não relacionam adequadamente os textos com seus usos sociais, e os indivíduos não alfabetizados que atuam na sociedade de maneira satisfatória, pois percebem e compreendem os usos sociais da leitura e da escrita, mesmo sem dominá-las.

Assim, alfabetização e letramento estão interligados, e pensando nisso é primordial que a escola alfabetize letrando, ou seja, além de ensinar a ler e escrever, é preciso que se ensine aos alunos a fazerem o uso da leitura e escrita nas diversas práticas sociais. Ao fazer isso, a escola estará também contribuindo para o desenvolvimento da oralidade dos mesmos, que pode ser entendida como uma das atividades verbais presentes nas distintas situações sociais em que nos inserimos, ou seja, um bom desempenho oral pode ter reflexos significativos no desenvolvimento da escrita e estes, por sua vez, contribuem de forma decisiva para a elevação do nível de letramento.

Além disso, estará contribuindo para o aprimoramento da competência comunicativa dos alunos, ou seja, a possibilidade de os mesmos usarem a língua das mais variadas formas, segundo as exigências sociais e, ao mesmo tempo, capacitando-os a se expressarem de forma autêntica em qualquer situação comunicativa, seja na forma escrita ou falada.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta é uma pesquisa qualitativa que procura descrever e analisar como os recursos gramaticais da fala estão presentes na escrita. Para isso foi feita uma pesquisa bibliográfica e uma de campo.

Buscando encontrar os fundamentos necessários para o trabalho, realizamos a pesquisa bibliográfica, recorrendo a alguns teóricos como: Antunes (2003; 2009), Bentes (2001); Costa; Pinto; Souza; Reis; Bizerra (2011), Fávero, Andrade e Aquino (2009), Koch (1992), Osias (2010), Preti (2003), Marcuschi (2007), Marcuschi; Dionisio (2007), Marcuschi; Cavalcante (2007), Marcuschi (2010), Silva (2009), Soares (2004; 2012), Travaglia (2001; 2009), para dar os fundamentos necessários para a mesma.

Após a pesquisa bibliográfica, realizou-se uma pesquisa de campo, sendo que, para a coleta dos dados, utilizamos os seguintes instrumentos de pesquisa: dois questionários, compostos de cinco questões discursivas, e uma atividade de produção textual escrita.

Foi escolhida, como universo da pesquisa, a escola João José Batista, localizada em São João da Canabrava - PI, por ter sido onde cursei todo o ensino fundamental. Enquanto aluna da referida escola, o ensino de língua portuguesa se limitava, em grande parte, ao ensino de definições e regras provenientes da gramática normativa. A maior preocupação dos professores era com a língua escrita, deixando de lado a modalidade oral, vista em segundo plano pela escola, fato que compromete a capacidade de os alunos se expressarem bem verbalmente, utilizando tanto a modalidade oral quanto a escrita.

Ao escolher a referida escola, o propósito maior foi observar se a metodologia adotada por essa instituição e pelos professores continua a mesma ou se mudou em relação ao tempo em que estudei lá. Assim, como na maioria das escolas, os professores se detinham a ensinar as regras impostas pela gramática normativa, não havendo uma preocupação quanto ao ensino da oralidade, dos gêneros textuais dentre outros.

Os sujeitos da pesquisa foram os alunos do sexto ano do ensino fundamental II, escolhi os alunos dessa série por considerar que nesta fase já estão com um nível de escrita mais desenvolvido. A pesquisa de campo foi dividida em dois momentos.

No primeiro momento foram aplicados os dois questionários, sendo um deles aplicado à professora e o outro aos 22 alunos que compunham a turma. Em um segundo momento foi aplicada uma atividade de produção textual escrita, sob a orientação da professora, para compor o *Corpus* de análise. Esta atividade foi aplicada sem que os alunos soubessem que o

material se destinaria a pesquisa, para que isso não interferisse no objetivo desta, esta informação foi dada posteriormente. Como o propósito da pesquisa é identificar os recursos gramaticais da fala presentes na escrita, buscou-se detectar tais recursos, catalogando-os, segundo as funções gramaticais que exercem.

Com a aplicação do questionário aos alunos objetivamos verificar a concepção destes sobre a oralidade, enquanto que a produção textual escrita teve a finalidade de verificar a presença de marcas da oralidade nos textos produzidos por eles. O questionário aplicado à professora teve como finalidade mostrar se há ou não trabalho com a linguagem oral em sala de aula e, se há, como ele é desenvolvido.

Por fim, foi feita uma análise dos dados, a fim de comprovar como a oralidade é concebida pelos alunos e se há um trabalho direcionado para a oralidade assim como há para escrita, além de verificar quais recursos gramaticais e textuais da fala os alunos utilizam na escrita.

3 O TRABALHO COM A ORALIDADE EM SALA DE AULA

Conforme dito anteriormente, para a coleta de dados deste trabalho, utilizamos os seguintes instrumentos de pesquisa: dois questionários e uma produção textual. Sendo o primeiro direcionado à professora e aos alunos e o segundo direcionado somente aos alunos.

Com base na análise dos dados pudemos comprovar a hipótese inicialmente levantada a respeito da supervalorização da escrita em detrimento da oralidade em sala de aula. Constatamos ainda que, nesse ambiente, se tem um trabalho reduzido com a modalidade oral da língua, prevalecendo um trabalho direcionado para a escrita, sobretudo, no que diz respeito a seu aspecto gramatical.

O questionário apresentado trouxe perguntas similares para a professora e os alunos, com o intuito de, ao final, podermos comparar as respostas e verificar como a oralidade é concebida para eles e como é trabalhada em sala de aula, como apresentaremos no próximo tópico.

3.1 Descaso da escola com a oralidade e suas implicações na escrita

A partir da análise das repostas ao questionário, uma interpretação do que alunos e professora entendem sobre atividades que envolvem a linguagem oral. Na primeira pergunta os alunos foram questionados a respeito do trabalho com a oralidade em sala de aula, se é trabalhada e como.

Dos 22 entrevistados, todos responderam que a oralidade é trabalhada em sala de aula e, ao descreverem como se dá esse trabalho, a maioria citou as mesmas atividades (leitura, explicação de conteúdos, debates, palestras, conversas informais). No entanto, tivemos com maior frequência nas respostas a leitura como atividade oral: “*através de leitura e atividades.*” (aluno 17), seguida de explicação do professor: “*sempre quando algum professor explica algo, e depois ele faz algumas perguntas orais como: exercício troca de informações e etc.*” (aluno 02). Dos 22 alunos, 13 citaram leitura como sendo atividade oral, 08 citaram a explicação do professor.

Outros citaram o debate como atividade oral, mas mesmo assim ainda insistiram em considerar a leitura como atividade oral: “*em leituras e debates etc.*” (aluno 09); “*leitura, debate, ou através de conversas.*” (aluno 08). Outros citaram também o diálogo entre

professor e alunos, mas assim como nos casos anteriores também consideram a leitura como atividade oral: *“através da leitura ao falar e em trocas de informações do aluno c/ o professor.”* (aluno 05).

Com base nessas respostas, podemos perceber que a maioria dos alunos não tem noção do que seja atividade oral, confundem oralidade com oralização da escrita, ao considerarem a leitura de um texto escrito como sendo atividade oral. Como afirma Marcuschi (2007), quando lemos, estamos fazendo apenas uma oralização da escrita, não estamos diante de uma atividade oral.

Na segunda pergunta questionamos os alunos sobre quais atividades relacionadas à oralidade eles já tiveram em sala de aula, mais uma vez dos 22 alunos, 13 responderam a leitura, dentre outras atividades, como atividade oral trabalhada em sala de aula: *“leitura, debates sobre o conteúdo.”* (aluno 03). *“leitura, revisão nos conteúdos.”* (aluno 08). Oito (08) alunos incluíram na resposta o debate como atividade oral trabalhada em sala de aula: *“tivemos debate, atividades, explicações de deveres.”* (aluno 06); *“através de debates, troca de informações.”* (aluno 17).

Mais uma vez percebemos, diante das respostas dos alunos que os mesmos confundem as atividades orais. A oralidade não é trabalhada da forma como deveria ser, o trabalho com a mesma parece ser feito a partir de textos escritos, tratando-se de uma oralização da escrita.

Algumas respostas me chamaram atenção, pois mostram um total desconhecimento do que seja a oralidade por parte de alguns alunos, é o que podemos constatar em: *“os exercícios ou trabalho que o professor em sala de aula para o alunos ganha ponto para passa de ano.”*(aluno 01); *“varias como leituras, troca de informações, ou escrita um conselho entre outros.”* (aluno 14).

O aluno 14 descreve a escrita como atividade oral, o que mostra um desconhecimento por parte do mesmo sobre o que seja atividade oral, além disso, fica evidente que a oralidade não é trabalhada em sala de aula.

Na terceira pergunta, questionamos os alunos se eles consideram importante trabalhar a oralidade em sala de aula e por que é importante. Dos 22 alunos, todos consideraram importante. Ao justificarem o porquê é importante o trabalho oral em sala de aula, tivemos uma diversidade nas respostas, alguns justificaram ser importante, pois ajuda a melhorar a aprendizagem: *“porque a oralidade é muito importante nós trabalhar, pois facilitar o nosso aprendizagem.”* (aluno 12); *“pois leitura ajuda muito na aprendizagem”.* (aluno 16).

Alguns consideram importante, pois ajudaria na troca de informações: *“porque agente pode trocar informações uns aos outros.”* (aluno 21); *“é mais fácil entender as expressões do professor.”* (aluno 11); *“é mais fácil o entendimento do Aluno e até mesmo o modo de ensino do professor.”* (aluno 07).

Outros consideram que o trabalho oral possibilita que o aluno entenda melhor a explicação: *“porquê a oralidade é a aula falada onde o aluno passa a entender a explicação.”* (aluno 03); *“porque é importante a explicação para a compreensão do aluno.”* (aluno 04).

Mais uma vez se evidencia a falta do trabalho oral em sala de aula. Parece que a fala é entendida, pelos referidos alunos, como lugar caótico, em que se admite todo tipo de construção e, sendo assim, é mais fácil a compreensão de um texto quando trabalhado oralmente. Em outras palavras, a exposição oral, que, por ser oral, se realiza em um registro menos formal e mais próximo do dialeto materno, torna mais fácil a compreensão dos conteúdos do que a leitura de um texto escrito, ou seja, o problema é de falta de domínio da norma culta escrita e não do uso da modalidade oral ou escrita.

Na quarta pergunta os alunos foram questionados se gostariam de ter aulas direcionadas para o ensino da oralidade e por que gostariam. Dos 22 alunos, 19 alunos afirmaram que gostariam de ter aulas direcionadas para o ensino da oralidade, 02 alunos responderam que não gostariam de ter aulas direcionadas para a oralidade e 01 aluno respondeu que gostaria, mas não com frequência.

Quando questionadas sobre o porquê de ter aulas direcionadas para a oralidade, 03 alunos dos 22 responderam que seria importante, pois teriam mais conhecimento sobre as palavras e conseqüentemente melhorariam a comunicação: *“assim agente vai aprender tanto a falar (pronunciar) e escrever melhor.”* (aluno 07); *“para a gente ter mais conhecimento nas palavras de Língua Portuguesa.”* (aluno 04); *“porque muitos não sabem falar direito algumas palavras no dia-a-dia.”* (aluno 09).

Essas foram as respostas mais convincentes dadas pelos alunos, apesar de que eles ainda se encontram presos à visão preconceituosa do certo e do errado e estão mais preocupados com o ensino da forma “certa” de falar, mas é inegável que a oralidade, se bem trabalhada, seria essencial para o desenvolvimento da competência comunicativa, incluindo-se nesta, a norma oral culta.

Os demais alunos deram respostas variadas. Um aluno considera importante, pois facilitaria a prática de leitura: *“por que melhoraria muito a oralidade de muitas pessoas e*

facilita a leitura individual leitura compartilhadas e muito más.” (aluno 10). Um outro aluno respondeu que não gostaria de ter aulas voltadas para ao ensino da oralidade, justificando da seguinte maneira: *“eu gosto mais de escrever”* (aluno 08); os demais alunos (15 alunos) dizem ser importante, pois serviria para que os alunos tivessem mais conhecimento sobre a oralidade: *“para ficar cada vez sabendo para que serve a oralidade.”* (aluno 02); alguns deles não souberem explicar por que são importantes aulas voltadas para o ensino da oralidade: *“por que e muito legal.”* (aluno 06).

Essa ausência de conhecimento, assim como respostas incoerentes, como as mencionadas acima, nos leva mais uma vez a deduzir que não há um trabalho com a língua oral propriamente dita, na sala de aula, e apesar de a maioria desejar aulas sobre oralidade não sabem justificar o porquê.

No último questionamento feito aos alunos, perguntamos se, ao escreverem, eles utilizam as mesmas palavras que usariam se estivessem falando. Dos 22 alunos, 11 afirmaram que não usam as mesmas palavras; 07 afirmaram que usam as mesmas palavras; 04 afirmaram que varia, às vezes usam e às vezes não.

Dentre os alunos que afirmaram não usar as mesmas palavras quando falam e quando escrevem, 02 justificaram que a fala não requer tanta formalidade e por isso apresenta uma maior liberdade ao falarem: *“eu procuro escrever melhor mais não se importo muito com o modo de falar”*. (aluno 07); *“por que as vezes a gente falar errado mais escreve certo, também a gente falar através de mensagem, whatsapp a gente abrevia algumas palavra.”* (aluno 08).

Estas respostas deixam claro que os alunos permanecem com a ideia de que a fala é desorganizada, informal, não exige planejamento; ao contrário da escrita que apresenta uma sistematização diferente, é mais previsível, mais planejada e, por isso, requer mais formalidade e, conseqüentemente, adequação a algum registro da norma culta escrita.

O aluno 04 respondeu da seguinte maneira: *“as vezes é importante a pessoa escrever de forma refinada.”*. Neste caso, percebe-se que o aluno reconhece que deve haver uma adaptação da fala para a escrita, além disso, não falou de erros e acertos, nem de planejamento ou organização, apenas ressaltou a necessidade de adaptação das palavras, quando escritas.

A maioria dos alunos não justificou a resposta, o que nos leva a constatar o não conhecimento por parte deles sobre a oralidade. Além disso, as atividades citadas pelos alunos como sendo orais não têm relação com a língua falada, pois estas são sempre baseadas em atividades escritas. Trata-se, portanto, de uma oralização da escrita.

Isso revela que a oralidade não é trabalhada, visto que, se fosse, os alunos saberiam responder adequadamente aos questionamentos e teriam outras concepções sobre a oralidade e a escrita.

A seguir apresentamos alguns dados referentes ao questionário aplicado à professora. Na primeira pergunta questionamos a professora sobre a existência de um trabalho com a linguagem oral em sala de aula. A mesma afirma que a oralidade é trabalhada diariamente em sala. Vejamos:

“Sim. Direcionada ou não todos os dias é trabalhada a oralidade dentro das diversas atividades propostas.” (professora).

No segundo questionamento perguntamos quais atividades orais são trabalhadas em sala de aula. Segundo a professora, são realizadas as seguintes atividades orais:

“Leitura, arguições, debates, conversas espontâneas e socializações de alguns questionamentos.” (professora).

Como podemos perceber, apesar de ter afirmado no primeiro questionamento que a oralidade é trabalhada em sala de aula, ao descrever quais são essas atividades orais trabalhadas, a mesma, assim como a maioria dos alunos, considera a leitura como atividade oral, o que mostra um desconhecimento do que seriam atividades orais, neste caso, como dito anteriormente, temos apenas uma oralização da escrita.

Convém ainda ressaltar que, em se tratando de conhecimento sobre atividades orais, a professora está no mesmo nível que os alunos, ou seja, os alunos não sabem o que vem a ser atividade oral porque a professora não ensina, e não poderia ensinar. Esse total desconhecimento sobre o que poderia ser ensino de oralidade pode ser resultado da má formação de professores, que até recentemente era voltada apenas para o ensino de gramática, literatura e redação.

Na terceira pergunta questionamos a professora se a mesma considera que as atividades orais realizadas em sala de aula permitem uma reflexão sobre a importância da modalidade falada da língua. Em resposta, ela afirma o seguinte:

“Procuro através do trabalho da oralidade fazer com que os alunos percebam que a língua falada é tão importante quanto à escrita e que deve ser levada em conta cada região a qual pertence.”

A partir do fragmento acima, percebe-se que a professora, apesar de mencionar a importância da oralidade, não sabe explicar o porquê dessa importância, pois se confunde ao justificar sua resposta com um argumento que envolve a variação regional, ou seja, não sabe a

diferença entre um ensino voltado para as práticas sociais por meio da língua oral e ensino de variação regional ou diversidade dialetal.

Na quarta pergunta, questionamos se as atividades orais podem influenciar positivamente o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos e por que. Em resposta, ela afirma que sim e justifica da seguinte maneira: *“pois através desta se conhece a realidade de cada um e o meio em que vive.”* (professora). Mais uma vez a professora demonstra desconhecimento em relação ao tema, pois confunde variação linguística com competência comunicativa.

Na última pergunta, questionamos a professora se a mesma considera que a fala merece ser estudada da mesma forma que a escrita tem sido estudada na escola e, em seguida, pedimos que justificasse. Sobre isso a professora respondeu que sim, justificando da seguinte maneira: *“porque desta forma os alunos terão oportunidade de melhorá-la e saber adequá-la ao seu meio.”*

Pelo visto, a confusão agora é mais complexa, uma vez que, mesmo falando de adequação, o que aponta para os usos cotidianos da oralidade, enaltece uma adequação ao meio, que não se sabe ao certo se é o meio social em que o aluno vive ou o contexto comunicativo, deixando assim uma ambiguidade que nos permite interpretar que ela confunde também variação dialetal com variação diafásica, além de não saber o que é oralidade.

3.2 Marcas da Oralidade na escrita dos alunos

Como dito anteriormente, para a análise dos dados, além dos questionários, seriam analisados também alguns textos dos alunos com o intuito de verificar recursos gramaticais da fala presentes em seus textos escritos.

Ao todo foram selecionados 22 textos produzidos pelos alunos. Dentre estes, encontramos marcas da oralidade em 11, sendo que as mais recorrentes foram o uso do verbo *ter* em sentido existencial e o uso de marcadores conversacionais, sendo o mais frequente o *“aí”*, que constitui um conectivo do tipo sequenciador.

É frequente na nossa fala o uso do verbo *“ter”* com sentido de *“existir”*. Esse emprego é considerado coloquial, devendo ser evitado ao escrevermos, no entanto por estarmos habituados a fazer tal construção, acabamos levando esse hábito para a escrita menos formal.

Nas produções textuais dos alunos podemos verificar isso, vejamos alguns trechos que comprovam o exposto: “[...] *até hoje existe preconceito ou racismo não é so contra os negos tem contra os gordos, homo sexual...*” (aluno 01).

O mesmo ocorre no texto do aluno 02, “*no Brasil é um lugar que tem muito racismo..., assim como no texto do aluno 05, em que também se evidencia o uso do verbo ter com sentido existencial: “Eu não sei porque tem gente que é racista...”*”.

Segundo Costa; Pinto; Souza; Reis; Bizerra (2011, p. 3),

Ao se analisar o comportamento variável dos verbos “ter” e “haver” com sentido de existir, percebe-se que, de um modo geral, o verbo “haver”, na acepção de existir, constitui o padrão de referência de uso “correto” da língua e a variação que ocorre com o verbo “ter” é considerada uma incorreção na língua padrão.

A constante presença do ter com sentido de existir na escrita de alunos pode estar relacionada ao fato de que esse uso faz parte do seu dia a dia, enquanto que o haver com sentido existencial só é aprendido pelo aluno durante o processo de aprendizagem da escrita.

Encontramos também nos textos a repetição de palavras, que é mais comum na fala, e inclui-se no processo de edição da fala. Vejamos um trecho onde se evidencia isso: “[...] *peessoas são muito ofendidas com o racismo, o racismo são mais atacados nas pessoas de pele negra...*” (aluno 04).

Outro texto também apresenta a repetição: “[...] *eu sai correndo com medo e cori, cori...*” (aluno 06). Nesse caso a repetição intensificou o sentido.

Vale ressaltar que a repetição apesar de ocorrer com mais frequência na oralidade, também se faz presente na escrita, e nem sempre repetir significa pobreza vocabular, muitas vezes a repetição serve para dar ênfase ao enunciado, efeito não obtido com o uso de sinônimos ou de intensificadores (MARCUSCHI, 2007), foi o que pudemos observar no texto do aluno 06.

Outra marca característica da oralidade encontrada nos textos foi o uso de marcadores conversacionais, sendo o aí o de maior ocorrência. É o que se observa em: “Ai a mãe do menino respondeu para a roça.” (aluno 11). A mesma aluna também utiliza o marcador tá: “[...] ta mãe já vou...”

O aluno 12 utiliza seguidamente o aí: “Ai teve um dia que teve uma festa no colégio ai essas três pessoas deram bebidas a ele a força, ai o menino ficou bêbado, foi pro rio ai ele se afogou e morreu...”

Como podemos observar o “aí” é recorrente nos textos dos alunos, esse é um marcador utilizado para indicar a continuidade do que se está narrando, apesar de a gramática normativa aconselhar que ele não seja usado na escrita.

Na escrita, ao menos que se deseje aproximar da oralidade, marcadores conversacionais não tem nenhuma utilidade, sendo assim, é aconselhável não usá-los, ao escrevermos. Devemos recorrer a outras palavras, pontuações etc., procurando substituir recursos próprios da fala pelos recursos gramaticais da escrita.

Além do “aí” e do “tá”, encontramos outros marcadores, vejamos: “daí percebi que era só um sonho.” (aluno 08); “tipo o meu melhor amigo é afrodecendente... [...] as mesmas coisas tipo carrossel...” (aluno 05).

No texto do aluno 08, presenciamos ainda a ocorrência de redundância de informação, é o que se constata em: “dei de cara com um monstro e voltei para trás correndo.” É o que a gramática chama, pejorativamente, de pleonismo vicioso. No entanto, vale ressaltar que as construções redundantes, sobretudo na fala, na maioria das vezes, cumprem a função de enfatizar determinada informação, embora sejam condenadas pela gramática normativa.

Nos textos dos alunos 04 e 07, detectamos a predominância do processo de coordenação ao invés da subordinação, vejamos: “O racismo está na maioria das pessoas no Brasil, o racismo é uma forma de questão pra humilhar as pessoas, pessoas são muito ofendidas com o racismo, o racismo são mais atacados nas pessoas de pele negra....” (aluno 04); “lá tinha uma lata de lixo e, me escondi nela.” (aluno 07).

Na fala, sobretudo de crianças e adolescentes, é comum o uso de estruturas coordenadas ao invés de subordinadas, isso se processa pelo fato de estruturas subordinadas requererem um processamento linguístico mais complexo, que se desenvolve mais tardiamente, mediante o contato com textos escritos e maturidade do indivíduo. Assim, adolescentes e crianças utilizam, na escrita, a coordenação de orações ao invés de subordinação.

Conforme Preti (2003, p. 32), “[...] o dialeto social popular caracteriza-se, entre outros aspectos pela redução do processo subordinativo em benefício da frase simples e da coordenação (Ex.: “Já disse pra você, não disse? Quando eu acabei o curso, não tinha mais dinheiro. Aí então, fui trabalhar”, em lugar de “Não sei se já lhe disse que, quando terminei o curso, fui trabalhar, porque não tinha mais dinheiro”)]. Este fato revela que os alunos têm pouco domínio sobre estruturas mais complexas, próprias da escrita, e, por isso, recorrem a estruturas mais simples, que são de mais largo uso na fala.

Ainda sobre os textos dos alunos 07 e 04 podemos observar também a presença da reiteração como um recurso coesivo, que desempenha, segundo Bentes (2001, p. 280), “um papel fortemente argumentativo, como se a repetição das estruturas funcionasse de forma que registrasse, de maneira definitiva, na memória do leitor, as críticas feitas aos referentes textuais.”.

Outro marca característica da oralidade encontrada nos textos dos alunos foi o uso de pronomes retos como complemento, é o que se observa em: “[...] *vou matar ele porque ele é muito forte...*” (aluno 10); “[...] *avistei em homem eu perguntei para ele onde eu estou?*” (aluno 07). A gramática normativa reitera que os pronomes retos devem ser usados na função de sujeito, enquanto que os oblíquos devem exercer sempre a função de complemento. Apesar de a escola ensinar essa regra, os alunos, atendendo à regra da gramática internalizada, utilizam os pronomes retos também na função de complemento.

A partir da análise dos dados, podemos verificar que não existe um trabalho direcionado para a oralidade em sala de aula, a professora, assim como os alunos, apesar de afirmar que a oralidade é trabalhada em sala de aula não tem o mínimo conhecimento do que sejam atividades orais.

Tanto a professora, quanto os alunos, confundem atividades orais com oralização da escrita, as atividades citadas pelos mesmos como orais são baseadas em atividades escritas. Além disso, ao observar as produções textuais dos alunos percebe-se que eles não estão escrevendo, mas, de certa forma, grafando a fala, pois não só apresenta o uso de marcadores, de recursos lexicais como também utilizam estruturas e recursos coesivos próprios do texto oral.

O fato de a escrita dos referidos alunos apresentar tantas marcas características da fala comprova mais uma vez a falta de trabalho com a oralidade em sala de aula, os alunos desconhecem a necessidade de adequação da fala para a escrita, levando para a esta toda a informalidade da fala.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo presente estudo sobre a influência da linguagem oral sobre a escrita dos alunos do ensino fundamental II de São João da Canabrava – PI chegou-se a conclusão de que as marcas orais encontradas dos textos analisados são condicionadas pelo fato de que estes alunos não têm na escola um trabalho direcionado para a oralidade e suas funções social e comunicativa.

Como pudemos perceber, a partir do desenvolvimento da pesquisa (bibliográfica e de campo), o trabalho com a oralidade em sala de aula é colocado em segundo plano, a escola continua dando à língua escrita mais importância do que à língua oral.

A partir da análise dos questionários dos alunos e da professora, bem como a partir da análise das produções textuais dos alunos, percebemos que a centralidade do ensino de Língua Portuguesa gira em torno da modalidade escrita da língua, sobretudo em seu aspecto gramatical.

Além disso, percebe-se que a concepção geral de oralidade para os alunos e professora é muito superficial, conseqüentemente acabam confundindo a oralidade com a oralização da escrita, confirmando o que Marcuschi e Dionísio (2007) afirmam em relação à visão dos manuais escolares, que apresentam uma noção pouco explícita sobre a oralidade e não raro também equivocada fazendo com que se tenham visões equivocadas quanto à análise da oralidade que por vezes é confundida com oralização da escrita.

Diante de tais evidências, fica clara a necessidade de uma mudança em relação ao ensino de Língua Portuguesa em sala de aula. É necessário termos um ensino voltado para ambas as modalidades (oral e escrita), tornando os alunos aptos a utilizarem a sua língua materna, adequadamente, em qualquer situação comunicativa.

Um trabalho que abranja as duas modalidades em sala de aula contribuirá ainda para que os alunos compreendam que a fala, assim como a escrita, exige planejamento e requer formalidade em algumas situações. Ambas as modalidades permitem a produção de enunciados tanto formais quanto informais. Somente assim, os alunos se livrarão da velha e preconceituosa concepção de que a fala é um lugar caótico e informal, em que tudo é permitido.

Enquanto não houver uma conscientização por parte da escola e dos docentes sobre a importância do trabalho conjunto entre as duas modalidades (língua oral e língua escrita), o ensino de língua portuguesa não cumprirá sua função essencial, que é ampliar os conhecimentos e as habilidades linguísticas dos alunos. Sendo assim, é necessário repensar a

importância do trabalho sistemático com a oralidade em sala de aula, equiparável ao que é feito com a escrita, fazendo isso será possível contribuir para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da competência comunicativa dos alunos, deixando-os aptos a utilizarem a língua, seja por meio da fala, seja por meio da escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BENTES, Anna Cristina. Linguística Textual. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

COSTA, A. A.; PINTO, D. S.; SOUZA, G. E.; REIS, J. A.; BIZERRA, P. R. B. **Verbos existenciais: ter/haver**. *ReVEL*, v. 9, n. 17, 2011. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_17_verbos_existenciais.pdf>. Acesso em 11 de Julho de 2016.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O; AQUINO, Zilda G. O. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

KOCH, Ingedore G.V. **Dificuldades na leitura/ Produção de textos: Os conectores interfrásticos**. In: KIRST, Marta; CLEMENTE, Ivo (org). *Linguística Aplicada ao Ensino do Português*. 2 ed. - Porto Alegre: Mercado aberto, 1992. p. 84 – 98.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. **Fala e Escrita**. 1. ed., 1. reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 208 p.

MARCUSCHI, L.A. A oralidade no contexto dos usos linguísticos: caracterizando a fala In: MARCUSCHI, L. A. DIONISIO, A. P. **Fala e Escrita**. 1. ed., 1. reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 208 p.

MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. **Fala e Escrita**. 1. ed., 1. reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 208 p.

MARCUSCHI, B; CAVALCANTE, M. C. B. Formas de observação da oralidade e da escrita em gêneros diversos In: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. *Fala e Escrita*. 1. ed., 1. reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 208 p.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade In: DIONISIO, Angela Paiva, MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

OSIAS, J. P. A. **Os gêneros orais como objeto de ensino**. Revista eletrônica temática, 2010. Disponível em: <[https://www.insite.pro.br/2010/Agosto/gêneros orais ensino](https://www.insite.pro.br/2010/Agosto/gêneros%20orais%20ensino)>. Acesso em 07 de maio de 2016.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: Os Níveis de Fala: Um estudo Sociolinguístico do Dialogo na Literatura Brasileira**. 9 ed. 1. reimpr. — São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. — (Campi; 15)

SILVA, Jaqueline Luzia da. **Letramento: uma prática em busca da (re)leitura do mundo**. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>> Acesso em 17 de maio de 2016.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos**. Revista Pedagógica, 2004. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf>> Acesso em 17 de maio de 2016.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3 ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica 2012.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática ensino plural**. 4. ed. Ver. — São Paulo: Cortez, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 6 ed. — São Paulo: Cortez, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Questionário/alunos

Aluno (a): _____

- 1) A oralidade é trabalhada em sala de aula? Como?

- 2) Quais atividades relacionadas à oralidade já tiveram em sala de aula?

- 3) Vocês consideram importante trabalhar a oralidade em sala de aula? Por quê?

- 4) Vocês gostariam de ter aulas direcionadas para o ensino da oralidade? Por quê?

- 5) Quando escrevem vocês utilizam as mesmas palavras que usariam se estivessem falando?

APÊNDICE B - Questionário/professora

Professor (a): _____

1) A linguagem oral é trabalhada em sala de aula?

2) Que atividades relacionadas a oralidade são trabalhadas em sala de aula?

3) Na sua opinião as atividades orais realizadas em sala permitem a reflexão sobre a importância da modalidade falada da língua?

4) Você acha que as atividades orais podem influenciar positivamente para o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos? Por quê?

5) Você acha que a fala merece ser estudada da mesma forma que a escrita tem sido estudada na escola? Por quê?

ANEXOS

ANEXO A- Questionário/aluno 01

Aluno 01

x1

Aluno(a): _____

- 1) A oralidade é trabalhada em sala de aula? Como?
Sim, as atividades que o professor passa para que os alunos entendam
- 2) Quais atividades relacionadas à oralidade já tiveram em sala de aula?
os exercícios de trabalho que o professor em sala de aula para o aluno ganhar ponto para passar ano
- 3) Vocês consideram importante trabalhar a oralidade em sala de aula? Por quê?
Sim, porque a oralidade é importante para os alunos em sala de aula
- 4) Vocês gostariam de ter aulas direcionadas para o ensino da oralidade? Por quê?
Sim, porque as aulas de ensino da oralidade é bom para o aluno aprender
- 5) Quando escrevem vocês utilizam as mesmas palavras que usariam se estivessem falando?
não, escrevo outras palavras

ANEXO A- Questionário/aluno 02

Aluno 02

Aluno(a):

- 1) A oralidade é trabalhada em sala de aula? Como?
sim, sempre quando algum professor explica algo, e depois ele faz algumas perguntas orais como: exercício troca de informação
- 2) Quais atividades relacionadas à oralidade já tiveram em sala de aula?
quando algum professor compartilha alguma resposta, leitura, informação e perguntas orais.
- 3) Vocês consideram importante trabalhar a oralidade em sala de aula? Por quê?
sim, principalmente para testar a nossa mente e saber se o aluno está por dentro do exercício.
- 4) Vocês gostariam de ter aulas direcionadas para o ensino da oralidade? Por quê?
sim para ficar cada vez sabendo para o que serve a oralidade.
- 5) Quando escrevem vocês utilizam as mesmas palavras que usariam se estivessem falando?
defende muito da palavra que iremos falar, porque ela pode ter outra pronúncia na escrita

sim

ANEXO A- Questionário/aluno 03

x 3

Aluno(a):

Aluno 03

- 1) A oralidade é trabalhada em sala de aula? Como?
sim, através de leituras, explicação de conteúdos e correção dos deveres.
- 2) Quais atividades relacionadas à oralidade já tiveram em sala de aula?
leitura, debates sobre o conteúdo
- 3) Vocês consideram importante trabalhar a oralidade em sala de aula? Por quê?
sim, porque a oralidade é a aula falada onde o aluno passa a entender a explicação.
- 4) Vocês gostariam de ter aulas direcionadas para o ensino da oralidade? Por quê?
sim, porque o gente participa mais das aulas debatendo.
- 5) Quando escrevem vocês utilizam as mesmas palavras que usariam se estivessem falando?
não, na prática eu tento falar com minhas palavras.

ANEXO A- Questionário/aluno 04

Aluno 04

Aluno(a):

1) A oralidade é trabalhada em sala de aula? Como?

Discutir assuntos de estudo e explicar a conteúdos

2) Quais atividades relacionadas à oralidade já tiveram em sala de aula?

debater temas do diploma as reuniões com dúvida

3) Vocês consideram importante trabalhar a oralidade em sala de aula? Por quê?

Sim. Porque é importante a explicação para a compreensão do Aluno

4) Vocês gostariam de ter aulas direcionadas para o ensino da oralidade? Por quê?

Sim, para a gente ter mais conhecimento nas palavras da Língua Portuguesa

5) Quando escrevem vocês utilizam as mesmas palavras que usariam se estivessem falando?

nao ao ruzo.
é importante a mesma maneira de forma referida

ANEXO A- Questionário/aluno 05

x5

Aluno 05

Aluno(a): _____

1) A oralidade é trabalhada em sala de aula? Como?

SIM, ATRAVÉS DA LEITURA AO FALAR E EM TROCAS DE INFORMAÇÕES DO ALUNO C/O PROFE:

2) Quais atividades relacionadas à oralidade já tiveram em sala de aula?

LEITURA, DEBATES E TROCAS DE INFORMAÇÃO

3) Vocês consideram importante trabalhar a oralidade em sala de aula? Por quê?

SIM, POR QUE É MUITO IMPORTANTES ADQUIRIR MUITAS INFORMAÇÕES VALIOSA P/ A VIDA

4) Vocês gostariam de ter aulas direcionadas para o ensino da oralidade? Por quê?

SIM, POR APRENDEMOS MUITO E TROCA D INFORMAÇÕES E BOM P/ TIRAR NOSSAS DÚVIDAS

5) Quando escrevem vocês utilizam as mesmas palavras que usariam se estivessem falando?

AS VEZES. SIM, AS VEZES NÃO.

ANEXO A- Questionário/aluno 06

Aluno 06

x6

Aluno(a):

1) A oralidade é trabalhada em sala de aula? Como?

sim, para os professores, avaliar os conteúdos

2) Quais atividades relacionadas à oralidade já tiveram em sala de aula?

temos debates, atividades, avaliações de debates

3) Vocês consideram importante trabalhar a oralidade em sala de aula? Por quê?

sim, para desenvolver mais os alunos

4) Vocês gostariam de ter aulas direcionadas para o ensino da oralidade? Por quê?

sim, por que é muito legal

5) Quando escrevem vocês utilizam as mesmas palavras que usariam se estivessem falando?

não, por que a linguagem falada não é a mesma escrita

ANEXO A- Questionário/aluno 07

Aluno 07

Aluno(a):

1) A oralidade é trabalhada em sala de aula? Como?

Sim, por volta de Atividades Orais, Provas Orais e por volta de Palestras.

2) Quais atividades relacionadas à oralidade já tiveram em sala de aula?

Trabalhos e atividades em que apresentamos em sala de aula.

3) Vocês consideram importante trabalhar a oralidade em sala de aula? Por quê?

Sim, é mais fácil o entendimento do Aluno e até mesmo o modo de ensino do Professor.

4) Vocês gostariam de ter aulas direcionadas para o ensino da oralidade? Por quê?

Sim, assim Agente vai aprender tanto a falar (pronúncia) e escutar melhor.

5) Quando escrevem vocês utilizam as mesmas palavras que usariam se estivessem falando?

Não que procuro escutar melhor mas não se importo muito com o modo de falar.

ANEXO A- Questionário/aluno 08

x8

Aluno 08

Aluno(a): _____

1) A oralidade é trabalhada em sala de aula? Como?

Sim: leitura, debate, ou através de conversa

2) Quais atividades relacionadas à oralidade já tiveram em sala de aula?

leitura, revisão nos conteúdos

3) Vocês consideram importante trabalhar a oralidade em sala de aula? Por quê?

Sim, por que a gente aprende mais e muito bem

4) Vocês gostariam de ter aulas direcionadas para o ensino da oralidade? Por quê?

não eu gosto mais de escrever

5) Quando escrevem vocês utilizam as mesmas palavras que usariam se estivessem falando?

não por que às vezes a gente fala errado mais escreve certo

Também quando a gente fala através de mensagens, watsa a gente escrevia algumas palavras

ANEXO A- Questionário/aluno 09

Aluno 09

x9

Aluno(a):

1) A oralidade é trabalhada em sala de aula? Como?

Sim, em explicações de conteúdos, através de explicações, leitura
Sim, em LEITURAS, e DEBATES etc.

2) Quais atividades relacionadas à oralidade já tiveram em sala de aula?

CORREÇÕES DE EXERCÍCIO, LEITURAS, TROCAS DE INFOR-
MAÇÕES, PERGUNTAS DE EXERCÍCIOS ORAIS

3) Vocês consideram importante trabalhar a oralidade em sala de aula? Por quê?

Sim, porque nós aprendemos mais o
DA LA PRÁTICA

4) Vocês gostariam de ter aulas direcionadas para o ensino da oralidade? Por
quê?

Sim, porque muitos não sabem falar direito algumas
PALAVRAS NO DIA-A-DIA

5) Quando escrevem vocês utilizam as mesmas palavras que usariam se
estivessem falando?

NÃO

ANEXO A- Questionário/aluno 10

Aluno 10

X 10

Aluno(a): _____

1) A oralidade é trabalhada em sala de aula? Como?

Sim. Literacia oral e literacia escrita em Famafãs

2) Quais atividades relacionadas à oralidade já tiveram em sala de aula?

através da literatura, textos de informações

3) Vocês consideram importante trabalhar a oralidade em sala de aula? Por quê?

Sim. Por que a oralidade é muito importante tanto na sala de aula e onde não tiver

4) Vocês gostariam de ter aulas direcionadas para o ensino da oralidade? Por quê?

Sim. Por que melhoraria muito a oralidade de muitas pessoas e facilita a leitura individual e leitura compartilhada e muito mais

5) Quando escrevem vocês utilizam as mesmas palavras que usariam se estivessem falando?

não

ANEXO A- Questionário/aluno 11

Aluno(a): _____

Aluno 11

X 11

1) A oralidade é trabalhada em sala de aula? Como?

Como leitura e escrever pode ser feita de alguma coisa
e escrever e escrever o dente

2) Quais atividades relacionadas à oralidade já tiveram em sala de aula?

prezados em cartão pro o professor fazer perguntas ao aluno auto
responder

3) Vocês consideram importante trabalhar a oralidade em sala de aula? Por quê?

Sim, é mais fácil entender as explicações do professor.

4) Vocês gostariam de ter aulas direcionadas para o ensino da oralidade? Por quê?

uma sim, outra não

5) Quando escrevem vocês utilizam as mesmas palavras que usariam se estivessem falando?

Sim

ANEXO A- Questionário/aluno 11

Aluno(a): _____

Aluno 11

X 11

1) A oralidade é trabalhada em sala de aula? Como?

Como leitura e escrever pode ser feita de alguma coisa
e escrever e escrever o texto

2) Quais atividades relacionadas à oralidade já tiveram em sala de aula?

prezados em cartão pro o professor fazer perguntas ao aluno auto
responder

3) Vocês consideram importante trabalhar a oralidade em sala de aula? Por quê?

Sim, é mais fácil entender as explicações do professor.

4) Vocês gostariam de ter aulas direcionadas para o ensino da oralidade? Por
quê?

uma sim, outra não

5) Quando escrevem vocês utilizam as mesmas palavras que usariam se
estivessem falando?

Sim

ANEXO A- Questionário/aluno 12

Aluno 12

x12

Aluno _____

1) A oralidade é trabalhada em sala de aula? Como?

Sim, através da leitura, de conversas com os colegas e através de debates

2) Quais atividades relacionadas à oralidade já tiveram em sala de aula?

a leitura, debates, trocas de informações e através de uma conversa com o colega e com os professores

3) Vocês consideram importante trabalhar a oralidade em sala de aula? Por quê?

Sim, porque a oralidade é muito importante nos trabalhar pois facilita o nosso a aprendizagem

4) Vocês gostariam de ter aulas direcionadas para o ensino da oralidade? Por quê?

Sim, porque se eu tivesse aulas direcionadas a oralidade o meu a aprendizagem era mais fácil

5) Quando escrevem vocês utilizam as mesmas palavras que usariam se estivessem falando?

Sim

ANEXO A- Questionário/aluno 14

Aluno 14

X 14

1) A oralidade é atrapalhada em sala de aula? Como?

sim, a troca de atividades com os professores e alunos

2) Quais atividades relacionadas à oralidade já tiveram em sala de aula?

várias como leituras, troca de informações, se escrito sem consultar entre outros

3) Vocês consideram importante trabalhar a oralidade em sala de aula? Por quê?

sim, por que o aluno em sua mãe não se preocupa de mais para aprender enquanto ir a escola, com a ajuda de professores e amigos aprendemos os conhecimentos da vida

4) Vocês gostariam de ter aulas direcionadas para o ensino da oralidade? Por quê?

sim, por que ter aulas de oralidade ensina os alunos a usar um tipo de palavras e qual dessas escolhas fazem

5) Quando escrevem vocês utilizam as mesmas palavras que usariam se estivessem falando?

sim muitas vezes quando precisa agente escreve o que o coração me fala como estar falando ou seja escrevendo agora

ANEXO A- Questionário/aluno 16

x 16

Aluno 16

1) A oralidade é trabalhada em sala de aula? Como?

Sim. Apenas que leitura.

2) Quais atividades relacionadas à oralidade já tiveram em sala de aula?

Leitura

3) Vocês consideram importante trabalhar a oralidade em sala de aula? Por quê?

Sim não leitura ajuda muito na aprendizagem

4) Vocês gostariam de ter aulas direcionadas para o ensino da oralidade? Por quê?

Sim não não

5) Quando escrevem vocês utilizam as mesmas palavras que usariam se estivessem falando?

Sim

ANEXO A- Questionário/aluno 17

x 17

aluno 17

Aluno(a):

1) A oralidade é trabalhada em sala de aula? Como?

atividades de leitura e atividades

2) Quais atividades relacionadas à oralidade já tiveram em sala de aula?

atividades de leitura debates troca de experiências

3) Vocês consideram importante trabalhar a oralidade em sala de aula? Por quê?

sim, para desenvolver mais

4) Vocês gostariam de ter aulas direcionadas para o ensino da oralidade? Por quê?

sim, porque é mais fácil de aprender

5) Quando escrevem vocês utilizam as mesmas palavras que usariam se estivessem falando?

sim, as vezes preferimos usar essas palavras

ANEXO A- Questionário/aluno 21

x 21

Aluno 21

1) A oralidade é trabalhada em sala de aula? Como?

Sim • com versando ou fazendo outra coisa

2) Quais atividades relacionadas à oralidade já tiveram em sala de aula?

litura, debati ou através de conversa

3) Vocês consideram importante trabalhar a oralidade em sala de aula? Por quê?

Sim porque gente pode trocar informações uns aos outros

4) Vocês gostariam de ter aulas direcionadas para o ensino da oralidade? Por quê?

Sim porque gente adora ler e etc a coisa

5) Quando escrevem vocês utilizam as mesmas palavras que usariam se estivessem falando?

Sim

ANEXO B- Questionário/professora

Questionário

Professor(a):

Professora

1) A linguagem oral é trabalhada em sala de aula?

Sim. Discutimos ou não todos os dias, é trabalhada a oralidade dentro das diversas atividades propostas.

2) Que atividades relacionadas a oralidade são trabalhadas em sala de aula?

Leitura, arguições, debates, conversa informal, socializações de alguns questionamentos.

3) Na sua opinião as atividades orais realizadas em sala permitem a reflexão sobre a importância da modalidade falada da língua?

Procuramos através do trabalho da oralidade fazer com que os alunos percebam que a língua falada é tão importante quanto a escrita e que deve ser levada em conta cada vez que a qual pertence.

4) Você acha que as atividades orais podem influenciar positivamente para o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos? Por quê?

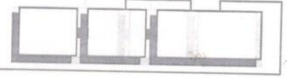
Sim, pois através desta se conhece a realidade de cada um e o meio em que vive.

5) Você acha que a fala merece ser estudada da mesma forma que a escrita tem sido estudada na escola? Por quê?

Sim, porque desta forma os alunos têm oportunidade de melhorar, ler e saber adequá-la ao seu meio.

10 Racismo no Brasil

1 x



eu mãe sei porque eu como macel e preconceito
mãe eu sei que uma mãe é legal porque não
todas iguais independente de cor assim dizendo
nomes todos humanos e vivemos no mesmo mundo
até hoje existe preconceito eu racismo mãe e no
contra os negros tem contra os gordos, homossexual
eu já não sei preconceito e digo uma mãe é
legal e eu me sinto mal e praticar o racismo
e mãe me orgulho disso até que eu fiquei conhecido
e até hoje todos gostam de mim e eu mãe prática mais
racismo e migração faz com migra e os que praticam racismo
com migra agora somos todos amigos

Aluno 01

x 2

no Brasil é um lugar que tem muito racismo em tudo o povo tem racismo se uma pessoa é negra uma nem fala zica zombando zica ~~zica~~ ~~zica~~ ficar falando mal e etc. em qual quer coisa que fazer tem racismo de amor se uma pessoa é branco quer e outro

Aluno 02



Racismo no Brasil

3

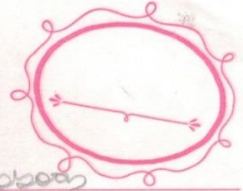


No Brasil é um lugar que tem muito
Racistas em tudo o povo tem racismo
se uma pessoa é negra uma
pessoa branca não pode nem rir
nem falar não zombando fica falando
mal e etc em qual quer coisa que fazer
tem racismo de mais se uma pessoa é
Baixo quem é alto fica zombando
de quem é gordo os magros ficam zombando
quem é pobre os ricos ficam zombando
em tudo tem racismo e o Brasil
é um lugar que tem mais racismo

Aluno 03

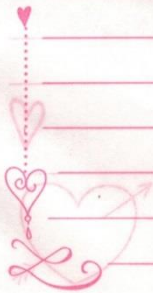


Aluno 04



O Racismo no Brasil

O racismo está na maioria das pessoas no Brasil, o racismo é uma forma de discriminação que humilha as pessoas, pessoas são muito ofendidas com o racismo, o racismo são mais atacados nas pessoas de pele negra mais também de pele branca, vindo hoje existe muitas pessoas que usó leram tempo em ofender e humilhar as pessoas, com aparelhos por internet e etc... Nesse forma o racismo virtual é mais constante, o racismo virtual como o racismo nas ruas, nos escolas, e até mesmo no trabalho.





Portugues

Aluno 05

Eu não sei porque tem gente que é racista porque
no mesmo que um ~~branco~~ exemplo no mesmo jeito que um
branco é racista porque o negro negro são afrodescendentes,
pode ser racista com Brancos mais isso porque que os
Brancos são inferiores porque o afrodescendentes não são a
melhor de tudo por exemplo eu tenho várias amigas ~~negras~~
tipo o meu melhor amigo é afrodescendentes, eu nunca
fui racista eu mesmo acho que os Brancos se mesmos são
os mesmos ~~raças~~ tipo caracol insinua que caracóis
branco pode caracóis e profecias filhos eu tenho um
amigo que é negro.

ANEXO C- Produção textual/aluno 06

6x

PRODUÇÃO DE TEXTO NARRATIVO

CONTINUE O TEXTO ABAIXO. USE SUAS IMAGINAÇÕES INVENTE UMA HISTÓRIA ENGRAÇADA E FANTÁSTICA. NÃO ESQUEÇA DO TÍTULO. SEU TEXTO DEVERÁ TER 15 LINHAS.

TÍTULO Que noite Assustadora

De repente, eu estava passando. Em uma rua ^{escura} e escura. Quando ouvi barulho de passos vindo atrás de mim. Não ~~tive~~ ^{tenho} coragem de olhar para trás. Avistei um beco ~~corrido~~ ^{para} para me esconder.

Após entrar nesse beco, percebi que os passos vinham atrás de mim. Corri muito. Lá muito na frente encontrei mais 2 entradas uma para direita outra para esquerda.

Após entrar no beco esquerdo, ao tempo de corrida percebi não tinha mais nenhum passo atrás de mim e lá vai correndo com medo e aqui aqui lá na frente tinha um beco mais pequeno e entrei nele lá atrás de mim eu vi uma sombra misteriosa e ela tinha feito meu ruído e eu saí correndo com medo e nervoso e com muito medo eu cheguei por debaixo das portas e não vi ninguém o que preciso.

Quando eu saí do beco escuro não estava vendo nada estava muito escuro, mais os passos ~~continuava~~ ^{continuava} atrás de mim eu estava com muito medo dos passos ~~eu~~ ^{eu} ~~via~~ ^{via} ~~atrás~~ ^{atrás} ~~me~~ ^{me} mais os passos ~~era~~ ^{era} ~~meu~~ ^{meu} ~~ruído~~ ^{ruído} atrás de mim.

ALUNO

Aluno 06

ANEXO C- Produção textual/aluno 07

7x

PRODUÇÃO DE TEXTO NARRATIVO

CONTINUE O TEXTO ABAIXO. USE SUA IMAGINAÇÃO INVENTE UMA HISTÓRIA ENGRAÇADA E FANTÁSTICA. NÃO ESQUEÇA DO TÍTULO SEU TEXTO DEVERÁ TER 3 LINHAS

TÍTULO A Aventura de um menino medroso.

DE REPENTE EU ESTAVA PASSANDO POR UMA RUA DESERTA ^E escura. Quando ouvi BARULHO DE PASSOS vindos atrás de mim. Não ^{TIVE} CORAGEM DE OLHAR TRÁS. Avistei um beco COBERTO E ENTREI NELE para me esconder.

E continuei andando as pessoas em minha direção e lá tinha uma lata de lixo me escondi nela. 3 minutos depois um bôulho de um carro se a lata ficou balançando de um lado para o outro depois de 15 minutos resolvei sair da lata não estava a questionando o meu choro onde era? Quem eu era? e eu cruzei com homem eu perguntei para ele onde eu estava? ele disse Respondeu Você não sabe onde vive? se eu soube-se eu não estava perguntando bobom Você está no túnel então ele me tirou do lado e então eu continuei andando voltei para onde eu estava e continuei ouvindo passos então eu casei puli meus e cheguei a uma conclusão. Vou mostrar meu trabalho eu vou falar e descobrir tudo muitas perguntas foram Respondido por que um pouco não me deixaram em paz? era apenas meu pai me procurando e voltei para casa tendo passado uma aventura emocionante.

Aluno 07

ANEXO C- Produção textual/aluno 08

x8

PRODUÇÃO DE TEXTO NARRATIVO

CONTINUE O TEXTO ABAIXO, USE SUA IMAGINAÇÃO. INVENTE UMA HISTÓRIA ENGRAÇADA E FANTÁTICA. NÃO ESQUEÇA DO TÍTULO, SEU TEXTO DEVERÁ TER 15 LINHAS.

TÍTULO HISTÓRIAS VINDO DE UM SONHO

De repente, eu estava passando por uma rua deserta e escura. Quando ouvi barulho de passos vindos atrás de mim. Não tive coragem de olhar para trás. Avistei um beco corre entre nele para me esconder.

Quando menos eu esperava, percebi que já tinha ido, lentamente. Eu fui saindo e dei de cara com um monstro e voltei-me para trás correndo, corri.

Corri rapidamente até chegar ao fim do beco, lá tinha uma cerca de arame, fui tentar pular a cerca e acabei me enganchando no arame. Quando lá se viu o monstro terrível tentou me sair mas não conseguiu, e o monstro me pegou e num piscar de olhos já estava em outro mundo.

Lá as pessoas eram muito esquisitas, fui até um mundo com muita gente até encontrar uma rua escura que andei até chegar em um barco negro e sem luzes escureceu e lá dentro dele percebi que tinha ficado por lá horas, mas percebi que tinha voltado de onde tinha saído e assim eu me salvei e voltei para casa. daí percebi que era só um sonho.

FIN!!!

Aluno 08

ANEXO C- Produção textual/aluno 10

10x

PRODUÇÃO DE TEXTO NARRATIVO

CONTINUE O TEXTO ABAIXO, USE SUA IMAGINAÇÃO, INVENTE UMA HISTÓRIA ENGRAÇADA E FANTÁSTICA. NÃO ESQUEÇA DO TÍTULO. SEU TEXTO DEVERÁ TER 15 LINHAS.

TÍTULO Um mestre caçador de cérebro

De repente, eu estava passando por uma rua muito escura. Quando meus bolsos de coisas vindos atrás de mim. Não tive coragem de olhar para trás. Avistei um belo corteiro para me esconder.

De um mestre tenebroso que vinha aprendendo coisas de mim. Corri, corri até quando consegui fugir desse mestre arqui-demoníaco que queria comer o meu cérebro. Depois quando percebi que tinha fugido do mestre, acabou encontrando ele no local onde estava. Sei que ele vai fazer coisas muito ruins. Não encontro uma coisa ruim e aterrorizante. Pensei que entrando nela conseguiria um bom esconderijo, mas ele simplesmente achou. Ele sabe todas as coisas e sabe onde eu estou. Eu pensei como não fugir desse mestre então e acho melhor fazer uma armadilha e nessa casa ele vai ter vários outros. Mas acho que não tem mais ninguém ali e muito mais não tem ninguém para fazer essa armadilha para ele. Já estou agora só usando o meu cérebro para fazer os cérebros. Então ele vai fazer na cabeça dele com que coisa e ele sabe mais do que eu. Eu consegui o método melhor do que eu.

ALUNO(a)S

Aluno 10

D S T Q Q S S

/ /

Continue o texto abaixo use sua imaginação invente uma história Engraçada e Fantástica. Não esqueça do título. Seu texto deve ter 15 linhas.

Título ~~A História~~ de um menino

de repente, eu estava passando por uma rua deserta e escura. quando ouvi barulho de passos vindo atrás de mim. Não tive coragem de olhar para trás. Arrestei um buco corrir e entrei nele para me esconder.

Era uma vez. em uma certa manhã a mãe de um garoto talo filho vamos para a rocha tá mãe já vou se queu mim apitar para nos ir. chegando lá passo um homem e pergunto para onde eles se. Ai a mãe do menino respondeu para a rocha. Mas o sol tá tão quente não senho por que nos temos que terminar o trabalho tudo. já chegando lá o filho dela foi tipo uma moita ~~insolente~~ e despendi e foi ficado pela a cabra.

Aluno 11

Aluno 12

O que eu entendo sobre Bullying
 O que eu entendo sobre bully é que é uma coisa
 praticada em qualquer lugar, em qual ambiente
 e etc. O Bully ocorre quando um ou mais alunos
 passam a perseguir, humilhar, chamar por apelido,
 excluir, chingar e etc.

O Bully é um problema sério, pode levar até
 o suicídio.

Várias pessoas me chamam de gorda isso
pra mim é Bully, mas na questi das pessoas eu
 lizo como se fosse brincadeira, mas pra mim não é.

O Tema da escola é Bully, isso em
 exemplo pra várias pessoas e eu sou uma delas.
 várias pessoas morreram por causa do Bully.

O filme que ~~se~~ ^{está} ~~na~~ ^{na} escola ~~é~~ ^é
 muito bom, eu entendi sobre aquele filme que
 que tinha um menino que ele era muito gordo,
 e tinha três pessoas que não gostava dele porque
 ele era gordo, todo dia eles judicava do menino
 e etc. Eu tive um dia que tive uma festa na
 colégio ai essas ~~três~~ três pessoas duram bebidas e
 ele a porca, ai o menino ficou lodeado, foi pra río
ai ele se afogou e morreu, e essas três pessoas que
saram um suicídio, e se cuparam pra sempre e etc.

O Bully é a única coisa que praticar porque é uma
 coisa muito chata muito inútil e etc.

qui - 7

Bullying



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(X) Monografia
() Artigo

Eu, Maria Leucielma da Silva Santos,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
A Influência da Oralidade na Escrita dos alunos do en-
sinso fundamental II, em São João da Canabara - PI.
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 15 de fevereiro de 20 17

Maria Leucielma da Silva Santos

Assinatura